



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO DISTRITO FEDERAL – UDF
COORDENAÇÃO DO CURSO DE DIREITO**

ADRIANA PIRES SOUZA CIDADE

**BULLYING ESCOLAR – UMA REALIDADE
AINDA DESCONHECIDA**

Brasília
2008

ADRIANA PIRES SOUZA CIDADE

**BULLYING ESCOLAR – UMA REALIDADE
AINDA DESCONHECIDA**

Monografia apresentada à Banca examinadora do UDF (Centro Universitário do Distrito Federal) como exigência parcial para obtenção do grau de bacharelado em Direito sob a orientação do Professor Especialista Valdinei Cordeiro Coimbra.

Brasília
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Cidade, Adriana Pires Souza

Bullying Escolar – Uma Realidade Ainda Desconhecida / Adriana Pires Souza Cidade.-- Brasília [S.n], 2008.

50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso do UDF. Curso de Direito.

1. Bullying. I. Título.

CDU – XXX.XX

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do Autor. (Artigo 184 do Código Penal Brasileiro, com a nova redação dada pela Lei n.º 8.635, de 16-03-1993).

ADRIANA PIRES SOUZA CIDADE

**BULLYING ESCOLAR – UMA REALIDADE
AINDA DESCONHECIDA**

Monografia apresentada à Banca examinadora do UDF – Centro Universitário do Distrito Federal, como exigência parcial para obtenção do grau de bacharelado em Direito.

Aprovado pelos membros da banca examinadora em ____/____/____, com menção ____ (_____).

Banca Examinadora

Valdinei Cordeiro Coimbra
Orientador
Centro Universitário do Distrito Federal

Valdir Alexandre Pucci
Examinador
Centro Universitário do Distrito Federal

Hildebrando Afonso Gomes Santana Carneiro
Examinador
Centro Universitário do Distrito Federal

A Deus, razão da minha existência.

Ao meu querido e amado pai Antonio Cidade, pelo incentivo aos meus estudos e por ser um exemplo de pessoa para mim. Saudades.

A minha amada mãe Marilde Cidade, sempre presente nas dificuldades, um baluarte em minha vida.

Aos meus adorados filhos, Tiago e Mateus, que são os responsáveis pela minha luta em terminar essa graduação. Meu eterno amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque sem Ele nada sou, nada realizo.

Em especial ao meu querido Sebastião Justino, companheiro sempre presente, apoio em todos os momentos, minha eterna gratidão.

Ao meu orientador Valdinei Coimbra, pelas dicas valiosas e pela paciência com as minhas inseguranças.

Às minhas irmãs, Patrícia, Luciana e Mariane.

A minha tia Beta, pessoa única em minha vida.

E a todos que de alguma forma me ajudaram na conclusão do meu curso.

“Amas muito os teus pequeninos,
não é assim?
Ama-os, que bem to merecem;
mas se lhes queres deixar uma riqueza
inigualável,
que nenhuma outra suplantarás,
educa-os no amor de Deus,
no culto ao bem e no hábito do trabalho.
Se ficarem pobres de bens terrenos,
ficarão riquíssimos de virtude.”

Eça de Queiroz

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de esclarecer um fenômeno ainda pouco conhecido e muito presente nas escolas: o bullying escolar. Agressões entre alunos, físicas ou morais, que trazem conseqüências sérias, tanto para quem as comete como para suas vítimas. Depoimentos que indicam fatos ocorridos no interior das instituições de ensino, muitas vezes indiferentes para os profissionais da educação, mas que podem trazer graves seqüelas na vida dos jovens. Demonstrar que os pais e a escola são responsáveis por suas crianças e como tal não podem ser omissos. E finalmente, a prevenção ao bullying, com exemplos de programas de sucesso em prol das crianças e adolescentes envolvidos.

Palavras-chave: bullying, violência nas escolas, agressões a criança e ao adolescente, violência psicológica.

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1 – População Envolvida na Pesquisa.....	19
Gráfico 2 – Ocorrência de intimidações	19
Gráfico 3 – Participação Individual	20
Gráfico 4 – Locais / Momentos.....	20
Gráfico 5 – Atitudes Agressivas mais frequentes	21
Gráfico 6 – Intervenção de Adulto / Quem	21
Gráfico 7 – Expectativa de Intervenção Adulta a Respeito das Agressões.....	22

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Como Denunciar	34
---------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ESCLARECENDO O FENÔMENO BULLYING	13
2 IDENTIFICANDO OS ENVOLVIDOS	23
2.1 O Agressor.....	24
2.2 A Vítima	26
2.2.1 Depoimentos.....	28
2.3 As Testemunhas	30
2.4 Os Pais	31
2.5 A Escola.....	35
2.6 O Estado	37
2.6.1 Jurisprudência.....	40
3 AS CONSEQUÊNCIAS	42
4 MEDIDAS PREVENTIVAS	44
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

A violência é hoje um dos grandes males que assola o mundo. Porém, ela pode ser controlada e até evitada se houver participação e empenho da parte de todos. O interesse em mudar os rumos em que vivemos, fará com que exista uma transformação real e significativa na vida das pessoas.

O bullying escolar, assunto tratado aqui, é uma forma de violência caracterizada por agressões físicas ou morais entre alunos, sejam crianças ou adolescentes, no interior da escola. Qualquer forma de intimidação, que seja repetitiva, com o mesmo alvo, é considerada bullying.

Após a década de 1990, quando a imprensa mundial começou a noticiar vários casos de assassinatos e suicídios no interior das escolas, constatou-se que os autores envolvidos nesses episódios não tinham distúrbios mentais ou haviam tido algum tipo de desentendimento antes que motivasse aquele ato. Verificou-se que o agressor era um aluno diferente dos outros, tendo um perfil calmo e tímido. O que leva a acreditar que sofriam algum tipo de pressão psicológica naquele ambiente.¹

O autor, a vítima ou a testemunha, estão comprometidos de algum modo com esse tipo de violência, que traz sérios danos a eles. Mesmo o autor, que é o chamado agressor, sofre demasiadamente com as conseqüências dos seus atos, e, é sabido que a origem das suas atitudes somente demonstra que ele também é uma vítima da violência, só que familiar.

A escola é um ambiente onde se espera, traga crescimento, aprendizado, valores, e não qualquer forma de violência. Presumi-se que haja domínio por parte dos educadores sobre as atitudes que não condizem com o papel da escola. A expectativa sempre será que a instituição de ensino controle seus alunos, através da disciplina, da educação, da orientação, mostrando assim, que é um espaço seguro para eles.

Este trabalho dedica-se ao esclarecimento do bullying escolar, com suas respectivas conseqüências e prevenções. Abordando também, a responsabilidade

¹ FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed., Campinas: Verus, 2005, p. 20 e 21.

dos pais, professores e estado e a importância dos programas que visam evitar esse tipo de violência, norteando o jovem para a conscientização dos seus atos e o valor da sua contribuição no ambiente educacional.

O desenvolvimento foi baseado em pesquisa explicativa, objetivando o conhecimento e a informação sobre o fenômeno bullying, e nesse sentido, por ser um assunto ainda pouco explorado e diante da dificuldade de encontrar material, buscou-se a internet como principal ferramenta. A principal obra, dentre as quatro utilizadas, foi da autora Cléo Fante, brasileira especialista no assunto.

O método usado foi o indutivo, com apresentação de casos concretos, demonstrando através de várias elucidações específicas do tema, a importância da matéria na vida das pessoas.

1 ESCLARECENDO O FENÔMENO BULLYING

Inicialmente, cabe-nos fazer um curto comentário acerca da raiz desse fenômeno, ou seja, a violência. Um jovem que faz uso da força bruta ou do ataque psicológico, que leva os outros colegas a qualquer tipo de humilhação, tendo um conjunto de condutas graves, merece ser observado, analisado e amparado. Nesse caso já caracteriza-se a violência. O Núcleo de Estudos e Pesquisas Simbolismo-Infância-Desenvolvimento – NEPSID traz em seu site o assunto, muito bem abordado por Adriana Friedmann, vejamos:

A violência é um fenômeno complexo que não pode ser reduzido ao crime e à violência institucional. Refere-se a uma conduta de abuso e poder, muitas vezes invisível e/ou encoberta, que envolve situações de força e tensão, assimetria e desigualdade social, danosas para a constituição do indivíduo e da sociedade. Violência na primeira infância diz respeito, tanto à manifestação física como a situações de humilhação, exclusão, ameaças, desrespeito, indiferença, omissão para com o outro.²

Podemos afirmar que a violência que invade as escolas manifesta-se de diversas maneiras, entre elas na forma de bullying, ou como alguns pesquisadores preferem denominar, violência moral.³

Violência e agressividade, formas hostis de tratar um ser humano, hoje em dia tão comum na vida das pessoas, manifesta-se nas escolas, de maneira muitas vezes velada, deixando a sociedade preocupada com o que vem acontecendo. Cléo Fante, uma educadora especializada no tema diz:

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.⁴

² FRIEDMANN, Adriana. *Violência e Cultura de Paz na Educação Infantil*. NEPSID. Disponível em: http://www.nepsid.com.br/artigos/violencia_e_cultura_de_paz.htm acesso em: 09 set. 2008

³ NOGUEIRA, Rosana Maria C. P. A. *A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas*. Revista Iberoamericana de Educación. Disponível em: http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco_de_imagens/rie37a04.pdf acesso em: 09 set. 2008

⁴ FANTE, op. cit., p. 168.

Notamos a variedade de situações problemas que podem ser vividas por uma criança, levando-a a crescer com princípios distorcidos, mudando a sua essência e transformando-a em uma possível integrante do fenômeno bullying.

Faremos nesse primeiro capítulo uma abordagem geral, com um breve histórico, o conceito de bullying e suas manifestações. Um termo da língua inglesa, sem tradução para o português, que é usado por todos aqueles que conhecem tema.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência - ABRAPIA, instituição que realiza programas para redução do comportamento agressivo entre estudantes, em seus estudos iniciais fez um breve histórico sobre bullying.

Durante a década de 90, ocorreu na Europa, um número considerável de pesquisas e campanhas que conseguiram reduzir a incidência de comportamentos agressivos nas escolas.

Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-BULLYING nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.⁵

Cléo Fante ressalta:

O despertar para a gravidade desse comportamento teve início há cerca de duas décadas, primeiro na Suécia e anos depois na Noruega, onde a questão se tornou tema de estudos científicos. O pesquisador norueguês Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen, reconhecido internacionalmente como pioneiro nas investigações sobre o fenômeno, observou os altos índices de suicídio entre os estudantes e constatou a relação com o *bullying* na escola.⁶

O termo bully, de acordo com o dicionário Michaelis – Moderno Dicionário Inglês, significa “brigão” e no verbo transitivo “ameaçar, amedrontar, intimidar”⁷.

⁵ ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm> Acesso em: 09 set. 2008.

⁶ FANTE, op. cit., acesso em: 09 set. 2008.

⁷ Michaelis Moderno Dicionário Inglês. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php>. Acesso em: 09 set. 2008.

O Bullying é conhecido universalmente somente por esse nome, pois pela sua complexidade nenhum país encontrou em sua língua um termo adequado para defini-lo. Portanto, oriundo da expressão bully, ele engloba suas ações, ou seja, aterrorizar, intimidar, perseguir, humilhar, apelidar. É uma atitude comportamental agressiva, tendo como sua característica principal a intencionalidade.⁸

Vários autores definem o referido assunto de forma distinta, porém todos no mesmo sentido. Para Jane Middleton-Moz e Mary Lee Zawadski, “[...] o bullying envolve atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos”⁹. As autoras seguem explicando o fenômeno:

Os comportamentos incluídos no bullying são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento,..., socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.¹⁰

O bullying é um fenômeno, ainda pouco conhecido, que causa sérios danos às crianças na escola. É formado por atos agressivos, físicos ou morais, de um ou mais alunos contra outro, normalmente sem nenhum motivo aparente.

Cléo Fante, em seu livro “Fenômeno Bullying: a prevenção começa pelo conhecimento”, assim o define:

Conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, adotados por um ou mais alunos contra outro(s), sem motivação evidente, causando dor, angústia e sofrimento, executados em uma relação desigual de poder, o que possibilita a vitimização.¹¹

A mesma autora em outra publicação menciona o bullying por outro ângulo, não menos importante:

Bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. Esse termo conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, e é utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre violência escolar.¹²

⁸ FANTE, op. cit., acesso em: 09 set. 2008

⁹ MIDDLELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. *Bullying-Estratégias de Sobrevivência para Crianças e Adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 21.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ FANTE, op. cit., acesso em: 12 set. 2008

¹² Idem. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed., Campinas: Verus, 2005, p. 27.

Podemos considerar o bullying como um fenômeno novo, porque vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para suas conseqüências nefastas, uma vez que se evidencia pela “desigualdade entre iguais”, resultando num processo em que os “valentões” projetam sua agressividade com requintes de perversidade e de forma oculta dentro de um mesmo contexto escolar. Por outro lado, considera-se o bullying com um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por motivos banais – e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação.¹³

Esse tipo de acontecimento ocorre em todas as escolas, de diferentes formas e por diversos motivos. Muitos adultos consideram como normal para a idade, o que não é correto pensar. São atitudes que variam o nível das agressões, mas independente disso, causam sofrimentos emocionais a todos envolvidos.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência - ABRAPIA, aborda o assunto e põe em prática programas com o intuito de diminuir os casos existentes e também trabalhar com a prevenção. Sua definição para o termo bullying é:

O termo BULLYING compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de BULLYING possíveis, a seguir, relaciona algumas ações que podem estar presentes: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences.¹⁴

Lélio Braga Calhau, em seu artigo escrito para a Revista Jurídica Consulex, fez uma breve explanação sobre o bullying. Senão vejamos:

Não se trata aqui de pequenas brincadeiras próprias da infância, mas de casos de violência, muitas vezes praticada de forma velada no interior das salas de aula, nos corredores, pátios de escolas ou até nos seus arredores, de forma repetitiva e com desequilíbrio de poder, podendo causar danos psicológicos à criança e ao adolescente, que, posteriormente, facilitarão sua entrada no mundo do crime.¹⁵

¹³ FANTE, op. cit., p. 29.

¹⁴ ABRAPIA, op. cit., acesso em: 15 set. 2008.

¹⁵ CALHAU, Lélio Braga. *Revista Jurídica Consulex*, Brasília, ano XII, n. 276, p. 46-47, 15 jul. 2008

Grande parte das pessoas confunde ou tende a interpretar o bullying simplesmente como a prática de atribuir apelidos pejorativos às pessoas, associando a prática exclusivamente com o contexto escolar. No entanto, esse conceito é mais amplo. Segundo o cientista norueguês Dan Olweus, citado por Tiago Dantas, o bullying se caracteriza por ser algo agressivo e negativo, executado repetidamente e que ocorre quando há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Desta forma, este comportamento pode ocorrer em vários ambientes, como escolas, universidades, no trabalho ou até mesmo entre vizinhos.¹⁶

Há diversas maneiras de se praticar o bullying e não é difícil detectar sua manifestação. Um simples ato, denominado às vezes como uma brincadeira, pode ser o início de um tipo de agressão, que pode ter proporções catastróficas. Vejamos o que diz Sônia Makaron:

Ofensa não é brincadeira. Intimidação não é brincadeira. Mentir com intuito de “ferrar” alguém, não é brincadeira. Porque o bullying não é brincadeira. É um tipo de atentado à integridade psíquica, física e social infringido a alguém que será considerado e tratado como uma vítima. E deve se sentir assim. Vai perder todas. Não vai ter razão. Vai ficar à espreita. Portanto é vítima dos ataques do agressor e vítima de si própria pois se sente impotente para fazer frente ao agressor e se colocar com integridade nas situações.¹⁷

As formas de maus-tratos são: físico (bater, chutar, beliscar); verbal (apelidar, xingar, zoar); moral (difamar, caluniar, discriminar); sexual (abusar, assediar, insinuar); psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir); material (furtar, roubar, destroçar pertences); e virtual (zoar, discriminar, difamar, através da Internet e celular).¹⁸

Essa ingênua brincadeira, que normalmente não é assim considerada por quem a recebe, transforma-se num pesadelo. Apelidar, desdenhando de alguma característica predominante da vítima é apenas o começo de uma série de humilhações. Geane de Jesus Silva esclarece:

Estudos indicam que as simples “brincadeiras de mau-gosto” de antigamente, hoje denominadas bullying, podem revelar-se em uma ação

¹⁶ DANTAS, Tiago. *Equipe Brasil Escola*. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm> acesso em: 15 set. 2008.

¹⁷ MAKARON, Sônia. *Bullying: Como enfrentá-lo?* Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf acesso em: 16 set. 2008.

¹⁸ CEMEOBES – *Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar*. Disponível em: http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com_content&task=view&id=99&Itemid=36 , acesso em: 16 set. 2008.

muito séria. Causam desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento responsáveis por índices de suicídios e homicídios entre estudantes. Mesmo sendo um fenômeno antigo, mantém ainda hoje um caráter oculto, pelo fato de as vítimas não terem coragem suficiente para uma possível denúncia. Isso contribui com o desconhecimento e a indiferença sobre o assunto por parte dos profissionais ligados à educação. Pode ser manifestado em qualquer lugar onde existam relações interpessoais.¹⁹

O bullying não é um problema novo, porém apenas há poucos anos começou a ser pesquisado e publicado em vários países. Conforme as informações vão sendo divulgadas, torna-se mais fácil seu controle e sua prevenção.

Na visão de Aramis A. Lopes Neto, temos duas classificações para o bullying, a saber:

O *bullying* é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.²⁰

A Secretaria Municipal de Educação Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul criou um projeto “Diga Não ao Bullying”, esclarecendo e informando sobre o Bullying no ambiente escolar. Interessante os dados da pesquisa feita pela Secretaria em uma escola, vejamos.

¹⁹ SILVA, Geane de Jesus. *Bullying*: Quando a Escola não é um Paraíso. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php> acesso em 24 set. 2008.

²⁰ LOPES NETO, Aramis A. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0021-755720050007_000_06&lng=pt&nrm=iso , acesso em: 24 set. 2008.

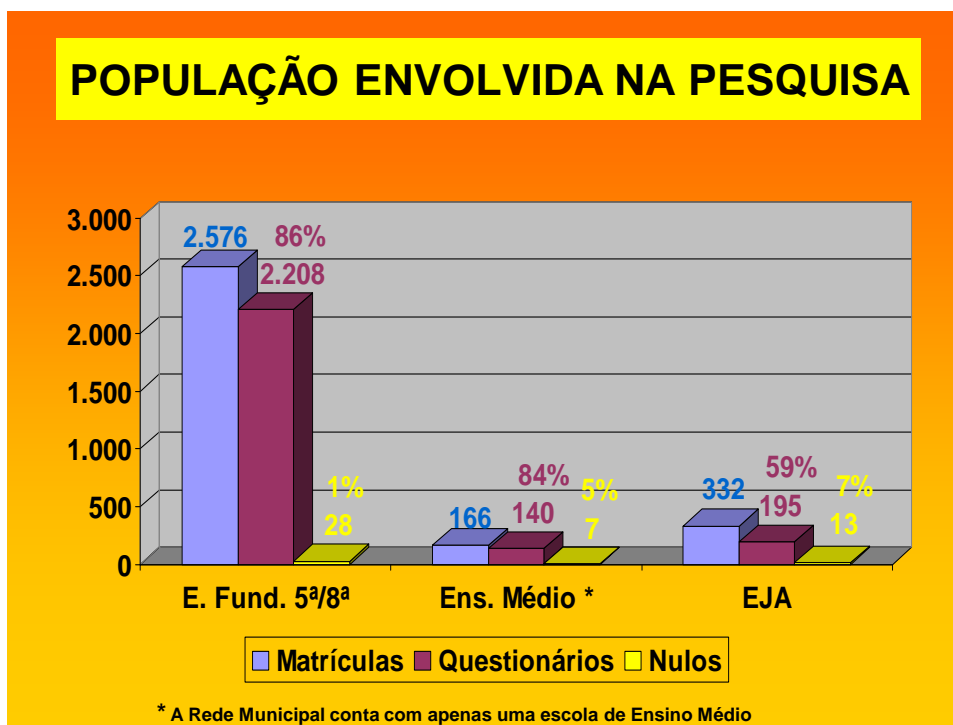


Gráfico 1 – População Envolvida na Pesquisa

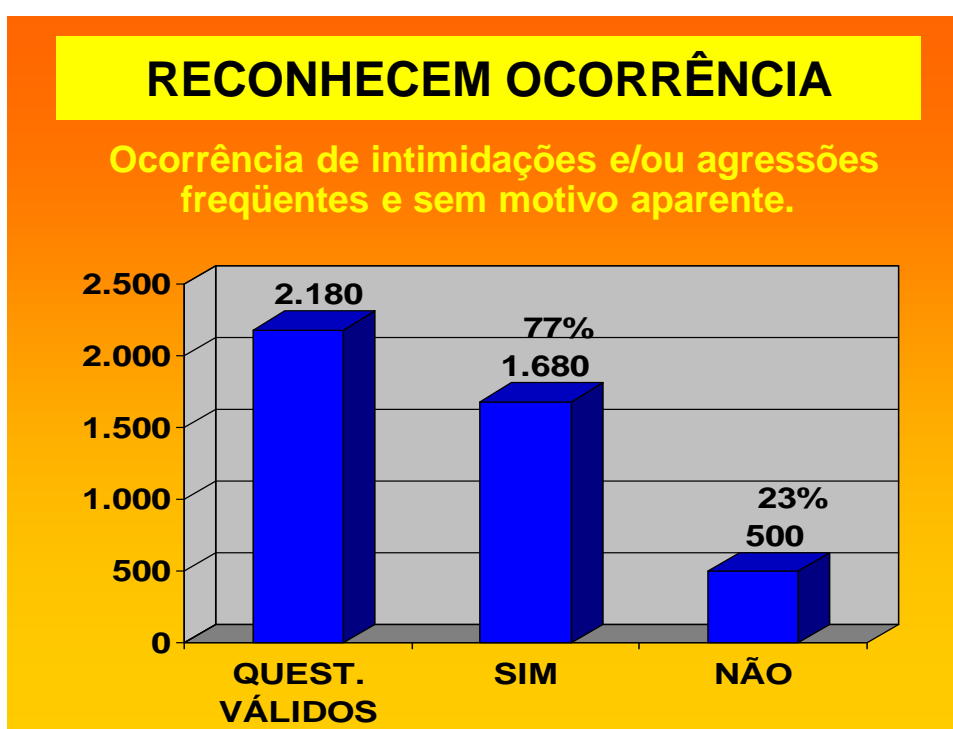


Gráfico 2 – Ocorrência de intimidações

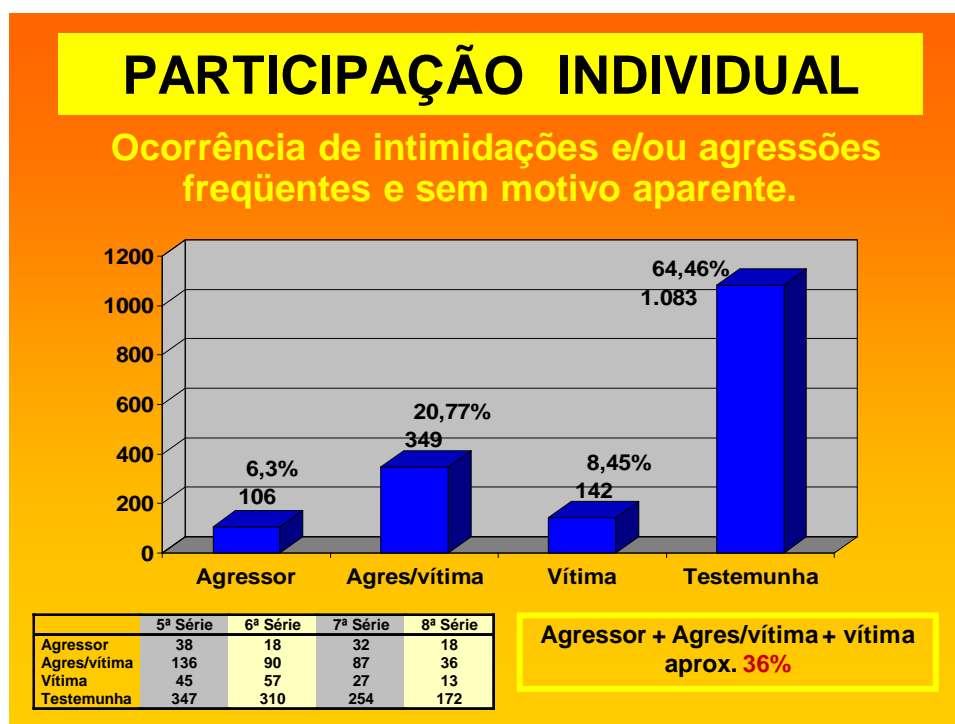


Gráfico 3 – Participação Individual

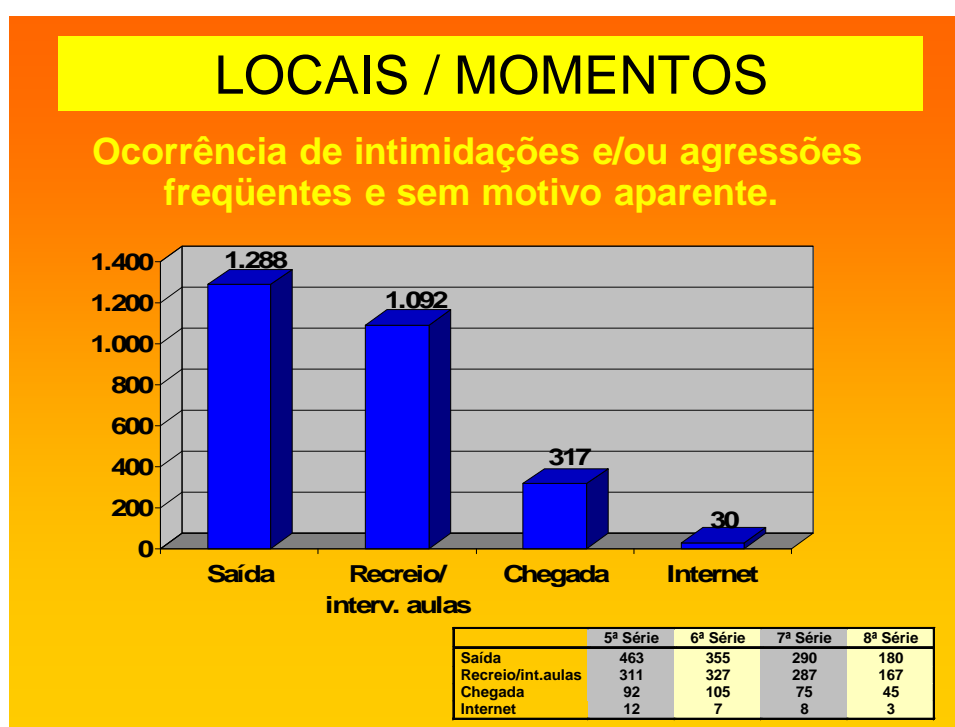


Gráfico 4 – Locais / Momentos

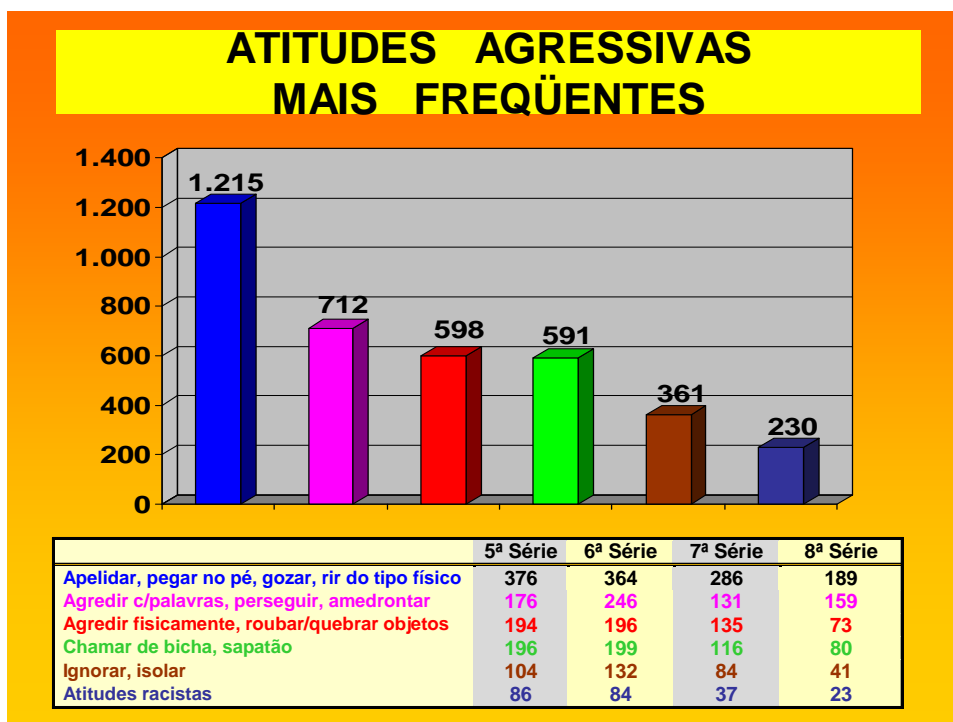


Gráfico 5 – Atitudes Agressivas mais frequentes

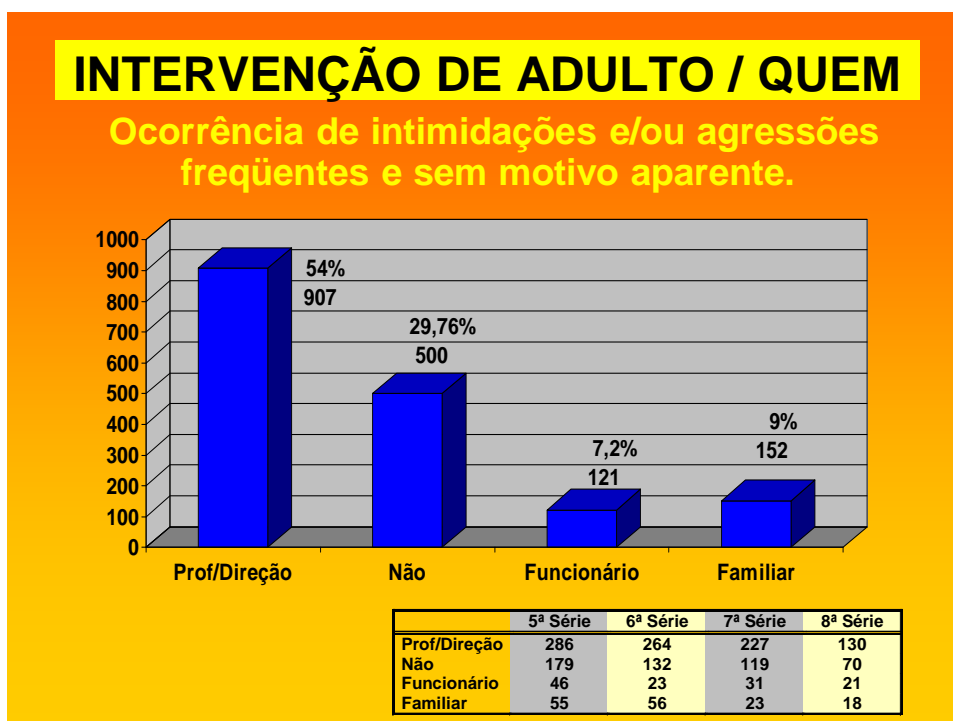


Gráfico 6 – Intervenção de Adulto / Quem

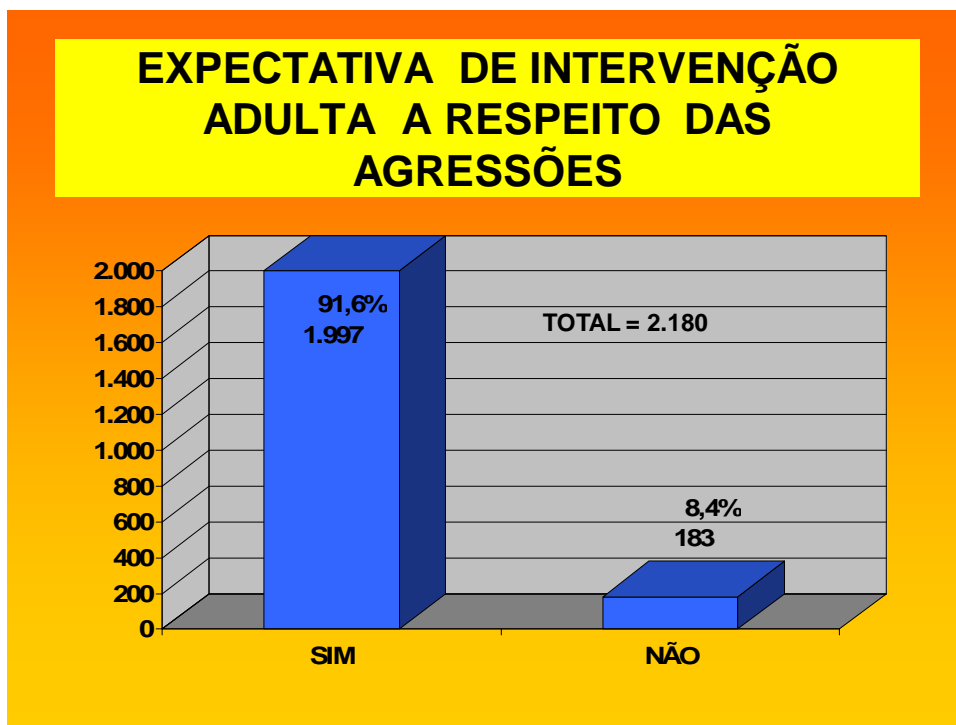


Gráfico 7 – Expectativa de Intervenção Adulta a Respeito das Agressões

Nos capítulos seguintes faremos uma maior explanação sobre o assunto, focando no ambiente escolar, onde o bullying tem trazido grandes prejuízos as crianças e adolescentes.

²¹ Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário. “Diga Não ao Bullying”. Disponível em: <http://www.diganaoabullying.com.br/>, acesso em: 24 set. 2008.

2 IDENTIFICANDO OS ENVOLVIDOS

O bullying tratado aqui envolve os estudantes no ambiente escolar. No entanto, não mencionaremos apenas os diretamente envolvidos e sim as pessoas que de alguma forma contribuem e são alheias ou coniventes com essa situação. Isso inclui os professores e os pais, como cita Rosana Maria César Del Picchia de Araújo Nogueira em seu artigo intitulado “A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas:

Os agressores geralmente acham que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação equivocada, a ser o centro das atenções. São crianças inseguras, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte de adultos. Na realidade, eles repetem um comportamento aprendido de autoridade e de pressão. Tanto as vítimas, quanto os agressores, necessitam de auxílio e de orientação. Os demais alunos são os observadores da violência. Eles convivem com ela e se calam ou são ignorados em suas observações por pais e professores. Temem tornarem-se alvos, e podem sentir-se incomodados e inseguros.²²

O bullying acontece em qualquer faixa etária e nível de escolaridade, porém a maior incidência encontra-se entre alunos que cursam do 6º ao 9º ano, ou seja, jovens de 10 a 15 anos de idade. Mormente nota-se o uso do poder dos mais velhos contra os mais novos, submetendo-os a terrorismos e espalhando o medo.²³

As crianças e os jovens passam parte do seu tempo nas escolas, onde juntamente com seus colegas e professores aprendem os princípios básicos da vida, e iniciam a formação de sua personalidade. Contudo, a responsabilidade do desenvolvimento e do aprendizado de uma criança não é só da escola, mas principalmente dos seus pais e do ambiente que vive em casa.

Considera-se algumas formas de referência aos diretamente envolvidos no fenômeno bullying. Destarte, observemos o que o autor do artigo “Bullying – comportamento agressivo entre estudantes” diz:

As crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com sua atitude diante de situações de *bullying*. Não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias.

²² NOGUEIRA, op. cit., acesso em: 24 set. 2008

²³ FANTE, op. cit., p. 45.

A forma de classificação utilizada pela ABRAPIA teve o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que estes fossem estigmatizados pela comunidade escolar. Adotaram-se, então, os termos autor de *bullying* (agressor), alvo de *bullying* (vítima), alvo/autor de *bullying* (agressor/vítima) e testemunha de *bullying*²⁴

Todos têm sua parcela de responsabilidade, porém, os maiores prejudicados com a omissão dos pais e da escola diante do bullying, sempre serão as crianças, tanto o agressor quanto a vítima.

2.1 O Agressor

Lopes Neto também pondera sobre o autor de bullying, seu perfil, como agem, suas reações e os diversos comportamentos, a saber:

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um "componente benéfico" em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes anti-sociais antes da puberdade e por longo tempo.²⁵

O agressor, que muitas vezes não age sozinho, mas com a cumplicidade de outros colegas, utiliza-se do poder para aterrorizar e juntar seguidores que também se sentem ameaçados. Esse agressor pode também ter sido um dia uma vítima de bullying. Sônia Makaron mais uma vez faz uma boa referência em seu artigo, *in verbis*:

O intimidador é aquele sádico que põe em ação a sua malvadeza cujo traço principal é a covardia. Isso mesmo, o intimidador é, acima de tudo, um covarde, mas não por isso menos maléfico. Sua estratégia de ação é manipular palavras e pessoas. Tenta formar um pequeno exército que também deve se voltar contra a vítima. Ao perceber-se capaz de acuar e anular alguém sente-se poderoso e triunfante²⁶.

²⁴ LOPES NETO, Aramis A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso) &lng=pt&nrm=iso acesso em: 24 set. 2008

²⁵ *Ibidem*

²⁶ MAKARON, Sônia. Bullying: Como enfrentá-lo? Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf acesso em: 24 set. 2008

O autor do bullying quer mostrar domínio e força diante dos outros e com isso escolhe seu alvo dentre os mais fracos, ou aqueles que têm alguma diferença em relação aos demais. O tímido, o gordo, o que usa óculos, o novato, o que tem alguma deficiência, e por aí vai, são alguns dos alvos daquele que se mostra o líder perverso da escola. Ele age premeditadamente, por qualquer motivo, pela simples vontade de mostrar que detém o poder, que pode mais que o outro, às vezes contando com a ajuda de terceiros, cúmplices de suas maldades.

Aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos. O agressor normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular; pode ter mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos. Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre outros alunos. É mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas anti-sociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias. Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola.²⁷

Para Geane de Jesus Silva²⁸, o agressor, que pode ser de qualquer sexo, tem caráter violento e perverso, obtém o que quer sempre por meio da força e da agressividade. Normalmente vem de família desestruturada, onde há conflitos, falta de afetividade. Esse tipo de agressor não respeita normas e não aceita ser contrariado, geralmente está envolvido em pequenos delitos.

O agressor não deixa de ser uma vítima das circunstâncias, do que o levou a praticar o bullying, dos exemplos que possui em casa, das situações vivenciadas no âmbito familiar. A criança ou adolescente que assim age, necessita tanto de ajuda quanto àquele que é a vítima dos seus maus tratos. A ABRAPIA – Associação

²⁷ FANTE, Cléo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. Campinas: Verus, 2005, p.73

²⁸ SILVA, Geane de Jesus. Bullying: Quando a Escola não é um Paraíso. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php> Acesso em 24 set. 2008

Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência assim se manifesta a respeito:

Os autores são, comumente, indivíduos que têm pouca empatia. Frequentemente, pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre eles, toleram e oferecem como modelo para solucionar conflitos o comportamento agressivo ou explosivo. Admite-se que os que praticam o BULLYING têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinqüentes ou criminosas.²⁹

Para Cléo Fante, em outra publicação, os bullies são assim identificados:

São aqueles que se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. Utilizam várias formas de maus-tratos para tornar-se populares, dentre elas as “zooções”, os apelidos pejorativos, expressões de menosprezo e outras formas de ataques, inclusive os físicos. Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter outro(s) ao seu domínio.³⁰

O autor do fenômeno bullying causa transtornos a todos, inclusive seus pais. Mas aquele garoto que age agressivamente na escola, com os próprios colegas, com seus professores, não tem uma vida familiar que justifica suas ações no meio em que vive? Não seria o caso de estudar primeiramente onde nasce o problema, tratá-lo, tentando evitar que tome dimensões complexas e de difícil tratamento?

2.2 A Vítima

Além da vítima típica, há precisamente dois tipos de vítimas no fenômeno bullying. A vítima provocadora, que age impulsivamente, com comportamentos abusados, o famoso “gênio ruim”, mas não consegue em contrapartida se defender quando insultada ou agredida. Já a vítima agressora é aquela que foi um dia atacada e passa a agir da mesma forma, procurando um alvo para hostilizar e maltratar.³¹

A vítima do bullying é definitivamente o envolvido que mais sofre, pois não há nessa circunstância, nenhum momento de prazer ou contentamento como há no

²⁹ ABRÁPIA, op. cit., acesso em: 28 set. 2008.

³⁰ FANTE, op. cit., p. 60.

³¹ Ibidem, p. 59 e 60.

caso do agressor, que se sente triunfante quando atinge seu objetivo em humilhar o alvo da brincadeira.

As vítimas típicas são aqueles que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídos ou tímidos e não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si. Geralmente apresentam aspecto físico mais frágil ou algum traço ou característica que as diferencia dos demais. Demonstram insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade, passividade, submissão, baixa auto-estima, dificuldade de auto-afirmação e de auto-expressão, ansiedade, irritação e aspectos depressivos. No entanto, é preciso salientar que o fato de algum aluno apresentar essas características não significa que seja ou venha a ser vítima de bullying.³²

Mais uma vez temos uma abordagem da ABRAPIA, agora, sobre o alvo do bullying.

Os alvos são pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as conseqüências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns crêem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com freqüência, ou abandonam os estudos. Há jovens que extrema depressão acabam tentando ou cometendo o suicídio.³³

A criança escolhida para sofrer os maus tratos do agressor, por algum motivo, sempre está em desvantagem, sozinha, indefesa. Tem grande dificuldade em reagir a qualquer tipo de insulto ou violência, e também não pede ajuda a ninguém, por medo de uma retaliação dos agressores ou da censura dos adultos. O médico e especialista no assunto, Aramis A. Lopes Neto fala a respeito da vítima:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o bullying. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa auto-estima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua auto-estima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos.³⁴

³² Ibidem, p. 59.

³³ ABRAPIA, op. cit., acesso em: 30 set. 2008.

³⁴ LOPES NETO, Aramis A. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso acesso em: 30 set. 2008.

A vítima do bullying é sempre discriminada por possuir algum atributo diferente, algo que gera o preconceito ou a inveja do autor. Sejam diferenças sociais de etnia, de religião, de sexo, de classe social, de orientação sexual, ou padrões sociais impostos pela sociedade.³⁵

2.2.1 Depoimentos

Nos depoimentos a seguir, nota-se que, as duas garotas superaram o trauma do bullying, mas não é sempre assim que ocorre. A primeira se identificou, a segunda preferiu o anonimato.

Sofri bullying durante vários anos em diferentes escolas, tive uma depressão profunda mal diagnosticada que resultou em internação psiquiátrica e quase custou minha vida. Mas resisti! Meu nome é Daniele, uma gaúcha de Porto Alegre/RS. E hoje estou aqui, com 22 anos, NOIVA, estudante de Pedagogia! E não é porque superei que vou fechar os olhos pra algo que acontece cada vez mais nas escolas, sejam elas públicas ou particulares.³⁶

Sofri bullying na minha época escolar, e hoje consegui superar isso, mas quase entrei em uma profunda depressão, e já tentei o suicídio. Minhas colegas da escola, aproveitavam de mim, pois eu era meia bobinha, era boazinha, e não sabia dizer não e nem me defender, sempre fazia as vontades delas, e nisso mandavam em mim, colocavam apelidos, zombavam de mim, me fazendo me sentir uma inútil, uma pessoa esquisita, uma nada, e porém fazia tudo para não ser excluída da turma, fazendo assim as vontades delas. Eu não era valorizada, a minha amigas sempre foram falsas comigo, ate fui varias vezes vitima de uma má reputação sem ao menos ter feito algo do que falavam sobre mim. e hoje estou coma minha auto-estima alta, to feliz, e estou cursando faculdade de letras, e estou trabalhando Bullying em minha monografia, estou procurando ajudar os que hoje sofrem.³⁷

Nos casos adiante a educadora Cléo Fante descreve uma pesquisa feita por alunos da pós graduação de um curso, onde foram entrevistadas crianças de várias idades. Vejamos:

Humberto, 16 anos, sentiu na pele o que é o terror na escola. Foi apelidado de Bob Esponja e Bombril por causa dos seus cabelos crespos e do seu jeito calado e tímido. Aos poucos foi se sentindo rejeitado e isolou-se da

³⁵ TRINDADE, Alcione Melo. *Aspectos Psicossociais da Intimidação/Bullying*. Nova Criminologia.com.br Disponível em: <http://www.novacriminologia.com.br/artigos/leiamais/default.asp?id=1977> acesso em: 14 out. 2008.

³⁶ Observatório da Infância. Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=284 acesso em: 14 out 2008.

³⁷ Idem. Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=280 acesso em: 14 out 2008.

turma. Disse que, quanto mais os colegas caçoavam dele, mais se isolava e sofria. Expressou sua angústia dizendo que gostaria de desaparecer e nunca mais ouvir falar em escola.

O aluno Carlos, da 5ª série, foi vítima de alguns colegas por muito tempo, porque não gostava de futebol. Era ridicularizado constantemente, sendo chamado de gay nas aulas de educação física. Isso o ofendia sobremaneira, levando-o a abrigar pensamentos suicidas, mas antes queria encontrar uma arma e matar muitos dentro da escola.

Ana se lembra emocionada, da época em que foi vitimizada na escola. Os coleguinhas diariamente caçoavam da sua cor, já que era a única menina negra da classe. Chamavam-na de vários apelidos pejorativos e discriminatórios, excluindo-a das brincadeiras, o que a tornava cada dia mais infeliz. Com tristeza nos olhos, relembra certo dia, pela manhã tomou a decisão de entrar numa bacia com água e sabão e esfregar-se com muita força, desejando que a “sujeira” saísse de sua pele, conforme dela caçoavam os seus colegas.³⁸

A mesma autora em investigação a respeito do tema colheu pequenos depoimentos que demonstraram as várias formas de bullying.

Não vou mentir, meus colegas me tratam ,muito mal, com muita violência verbal, porém, quanto mais me tratam mal, mais eu tenho rancor dos meus companheiros de escola. Sou caluniado porque tiro sempre notas boas e, se contar para os professores ou para a direção, eles falam que vão me pegar. Por isso, fico quieto... (aluno da 6ª série, 12 anos)

Minha vida na escola é muito triste porque meus colegas me colocam apelidos de que não gosto. Me chamam de ‘sardenta’, ‘feia’, ‘piolhenta’ e outras coisas. Gostaria que parassem com isso, não agüento mais tanta humilhação... (aluna da 5ª série, 11 anos)

Quando acordo, penso que será o dia mais feliz da minha vida, mas, quando lembro que tenho que ir pra escola, fico desanimado. Morro de medo de alguns meninos da minha classe, por isso tenho dor de cabeça e de estômago quase todos os dias... (aluno da 4ª série, 10 anos)

Minha vida é muito triste. Para dizer a verdade, sou uma menina vítima: apanho da minha irmã mais velha e da minha mãe. Às vezes, até minha avó e meus tios me batem. Na escola, tem alguns meninos que também me batem e colocam apelidos feios em mim. Não dá mais para agüentar esta situação... (aluna da 3ª série, 9 anos)³⁹

Constata-se o grande problema existente e que deveria ser urgentemente tratado. São muitos os casos de bullying que ocorrem em todas as escolas, seja ela particular ou pública, em todas as idades e por variados motivos. Temos ainda, as ocorrências divulgadas pelos meios de comunicação, e, mesmo assim o fenômeno continua sendo deixado de lado, sem o devido esclarecimento.

³⁸ FANTE, op. cit., p. 31.

³⁹ FANTE, op. cit., p. 34.

2.3 As Testemunhas

Grande parte dos alunos procura se manter afastado dos envolvidos diretamente em atos de bullying, porém não deixam de ser espectadores e ter sua parcela de participação. A maioria das testemunhas, por diferentes motivos, finge que não vê as agressões. Elas sentem medo de se transformarem na próxima vítima e também por não acreditarem que a escola tomará alguma atitude a respeito. Diante desse quadro sentem-se mal ao ver o abuso, pena da vítima, colaborando assim, para que os agressores continuem com a certeza do seu poder perante os outros.⁴⁰

Aramis A. Lopes Neto, classifica as testemunhas da seguinte forma:

A forma como reagem ao *bullying* permite classificá-los como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão).⁴¹

Os auxiliares são aqueles que compartilham da maldade para fazer parte do grupo mais forte, sente prazer naquilo, acreditam que assim não se tornarão uma vítima preferindo apoiar de alguma forma o que o líder o faz.

Os incentivadores se manifestam a parte, rindo das atitudes do agressor, fazendo chacota com a vítima, estimulando o autor a continuar com seu ataque.

Os observadores se mantêm mais afastados, não querem se envolver. São aqueles omissos, não fazem nada, não tomam nenhuma atitude, se afastam ou fingem que não vêem, também sentem pavor de ser o próximo alvo.

Já os defensores são mais ativos. Quando assistem a qualquer tipo de violência contra outro colega tratam logo de defendê-lo ou chamar alguém para que o faça. Não suportam esse tipo de situação e procuram sempre ajudar.

O bullying afeta a todos, independente do grau de participação, esse fenômeno atrapalha o crescimento das crianças e traz sérias conseqüências.

O livro Fenômeno Bullying caracteriza o espectador como o aluno que não sofre nem pratica o ato. Sendo a grande maioria da escola, as testemunhas adotam a lei do silêncio pelo medo de se tornar o novo alvo do autor, mesmo sentindo-se

⁴⁰ LOPES NETO, op. cit., acesso em: 18 out. 2008.

⁴¹ Ibidem

inseguros e incomodados em assistir às agressões. Revoltam-se pelo fato de a escola não ser um ambiente seguro e que isso pode comprometer seu rendimento escolar.⁴²

2.4 Os Pais

O papel dos pais com seus filhos é distinto do da escola. A criança passa boa parte do seu tempo em casa com seus familiares, e é ali que aprende os princípios básicos da vida, sendo que, na escola pratica o que observa em casa.

Sem eximir a responsabilidade da escola, o ambiente tranqüilo em que o jovem vive, é imprescindível para o seu comportamento em outros lugares, inclusive na escola.

Podemos descrever através de uma publicação da educadora Cléo Fante atitudes dos pais que colaboram para criar um futuro integrante do bullying.

O comportamento agressivo e violento de muitos pais para com os filhos geralmente se expressa pela punição ou violência física (bater, beliscar, empurrar, chutar) e pela violência psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras, desfazer, comparar, caçoar). Entretanto, outras formas de violência como o abandono, a negligência, a violência sexual e a violência fatal são componentes da violência doméstica, e suas conseqüências são extremamente perniciosas na vida de uma criança.⁴³

A maioria das correntes, sejam elas, filosóficas, psicológicas, antropológicas e pedagógicas, indicam que as causas que levam ao bullying são: carência afetiva, ausência de limites, afirmação dos pais sobre os filhos através de maus-tratos e explosões emocionais violentas, excessiva permissividade, exposição prolongada às inúmeras cenas de violência exibidas pela mídia e pelos games, facilidade de acesso às ferramentas oferecidas pelos modernos meios de comunicação e informação, e, tantas outras que fazem parte do dia a dia da vida dos jovens.⁴⁴

Atualmente os pais demonstram estarem perdidos quando se relaciona à educação dos filhos. O pouco tempo que tem disponível não é aproveitado com qualidade. As crianças estão ficando em segundo plano devido aos compromissos que tomam o tempo de seus pais, delegando a outras pessoas o que seria sua

⁴² FANTE, op. cit., p. 74.

⁴³ FANTE, op. cit., p. 177.

⁴⁴ Ibidem, p. 100.

obrigação. Diálogo, nem pensar. Conflitos são resolvidos arbitrariamente, sem qualquer tolerância ou conversa, decidem assim contendas do dia a dia. Não há mais limites e regras impostas com afeto e carinho, deixando a criança sem referencial nenhum.⁴⁵

Com o passar do tempo, a mudança nos hábitos das pessoas criou a necessidade de acumular tarefas diárias, causando assim, uma quantidade de tempo menor para convivência com os filhos. Diante disso, a criança que fica muitas vezes sozinha ou aos cuidados de terceiros, fica exposta ao que agentes externos, como televisão e internet, têm a oferecer e ensinar.

O que acontece com crianças sem limites, sem atenção e sem regras? Muito provavelmente serão autores de bullying e futuramente delinqüentes juvenis. Também podem fazer parte da classe mais fraca, que não tem confiança em si, não sabe se defender, é introspectiva, ou seja, uma vítima do bullying.

Os pais por sua vez, quando se dão conta do que está acontecendo com seus filhos, tanto sendo ele um agressor ou uma vítima, sofrem e não entendem porque isso está acontecendo. E por desconhecerem esse fenômeno, muitas vezes continuam omissos, apáticos, sem reação.

O comportamento dos pais dos alunos alvo pode variar da descrença ou indiferença a reações de ira ou inconformismo contra si mesmos e a escola. O sentimento de culpa e incapacidade para debelar o *bullying* contra seus filhos passa a ser a preocupação principal em suas vidas, surgindo sintomas depressivos e influenciando seu desempenho no trabalho e nas relações pessoais. A negação ou indiferença da direção e professores pode gerar desestímulo e a sensação de que não há preocupação pela segurança dos alunos.⁴⁶

Mais uma vez a educadora Cléo Fante se manifesta sabiamente a esse respeito. A família é o centro, a base, e por isso sua desestruturação é uma das mais fortes causas de bullying escolar. Um estudo feito por sua equipe mostrou que, 80% dos entrevistados/agressores procuram reproduzir na escola os maus tratos sofridos no ambiente familiar. Diante desses dados foi identificada uma doença psicossocial denominada SMAR – Síndrome de Maus-tratos Repetitivos.

O portador dessa síndrome possui necessidade de dominar, subjugar, de impor sua autoridade sobre alguém mediante coação; de ser aceito e pertencer a um grupo; de auto-afirmação, de chamar a atenção para si.

⁴⁵ SILVA, op. cit., acesso em: 18 out. 2008.

⁴⁶ LOPES NETO, op. cit., acesso em: 18 out. 2008.

Possui ainda a inabilidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sentimentos.⁴⁷

Os pais têm que ficarem atentos às manifestações que os filhos demonstram em casa. O modo como levam o seu dia fora da escola evidencia se o jovem está sofrendo bullying ou sendo o próprio autor do fenômeno. Sua ligação com a escola é de extrema importância para detectar o que se passa com seus filhos e poder evitar danos maiores.

Não há receita eficaz de como educar filhos, pois cada família é um mundo particular com características peculiares. Mas, apesar dessa constatação, não se pode cruzar os braços e deixar que as coisas aconteçam, sem que os educadores (primeiros responsáveis pela educação e orientação dos filhos e alunos) façam algo a respeito.⁴⁸

Quando identificados um autor e uma vítima, ambos devem ser orientados. Seus pais devem ser alertados e estar cientes que seus filhos, agressor ou agredido, precisam de ajuda especializada. O comportamento dos pais diante deste comunicado é muito importante: não se deve cobrar o revide, nem intimidar ou agredir. Este é um momento de aprendizado para todos, e mostrar como se controlar, manter a calma e evitar comportamentos de violência é imprescindível.⁴⁹

A família é a base para educação e formação da criança, para isso devem ter mais cautela com a forma que tratam seus filhos. Ausência de limites e realização de todos os desejos do jovem são prejudiciais ao seu crescimento. Revela-se necessário que os pais parem e reflitam sobre como estão direcionando a vida deles. É possível que tenham a impressão de estarem no caminho certo, mas vale a pena ficar mais atento às suas reações, pois eles sempre mostram o que estão necessitando naquele momento.⁵⁰

A figura a seguir expõe como os pais podem identificar se seu filho está sendo vítima do bullying escolar. A criança dá sinais de insatisfação com a escola através de suas atitudes, sendo imprescindível que a família tome providências urgentes, como demonstrado abaixo.

⁴⁷ FANTE, op. cit., acesso em: 18 out 2008.

⁴⁸ SILVA, op. cit., acesso em: 18 out. 2008.

⁴⁹ NOGUEIRA, Rosana Maria C. P. A. A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas. Revista Iberoamericana de Educación. Disponível em: http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco_de_imagens/rie37a04.pdf acesso em: 18 out. 2008

⁵⁰ BULLYING, um crime nas escolas. ISTO É Independente. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2026/artigo100431-4.htm> acesso em: 18 out.2008

▶ FIQUE ATENTO, SEU FILHO PODE SER VÍTIMA SE

- ▶ Demonstrar falta de vontade ou medo de ir à escola
- ▶ Pedir para trocar de colégio
- ▶ Cair o rendimento nas aulas
- ▶ Voltar da escola constantemente com roupas ou livros rasgados
- ▶ Tornar-se fechado e viver isolado, angustiado ou deprimido
- ▶ "Perder" com frequência dinheiro e bens
- ▶ Sofrer de baixa auto-estima ou ter muitos pesadelos

Tipos de violência

Insultos pessoais
Agressões físicas
Comentários ou apelidos pejorativos
Mensagens ofensivas em sites e comunidades da internet
Intimidações e ameaças
Assédio sexual
Roubo de material e dinheiro

Como denunciar

Diante de sinais de bullying, os pais devem procurar a diretoria da escola e expor a situação. A conversa deve ser documentada com o comprometimento, por escrito, da escola em coibir a prática. Os pais da vítima devem obter o nome completo e telefone das pessoas que testemunharam a agressão (crianças, porteiros, professores, inspetores) e prestar queixa na delegacia de proteção ao menor. Em casos de lesões físicas, devem ir ao IML fazer exame de corpo de delito. Se nada for feito pela escola e a criança continuar em risco, os pais devem providenciar a transferência do filho para outra instituição e acionar a Justiça. A escola e os pais do agressor podem ser condenados a pagar indenização por danos morais e a criança pode até ser detida, se representar ameaça às demais



Figura 1 – Como Denunciar

Silvio Venosa, em seu artigo, Responsabilidade dos Pais pelos Filhos Menores, assim entende:

É muito comum que as crianças e adolescentes vivam hoje grande parte de seu tempo em escolas, clubes e associações, sob a vigilância de outras pessoas que não os pais. Desse modo, há de se verificar no caso concreto, no momento do dano, de quem era efetivamente o dever de vigilância. Por outro lado, há que se levar em conta a posição da vítima, o prejuízo a ser reparado e que rara-mente os menores terão patrimônio próprio para responder. Desse modo, a regra geral será a responsabilização dos pais pelos atos danosos dos filhos menores de qualquer idade; sua isenção deve ser vista como exceção.⁵¹

⁵¹ VENOSA, Silvio. Responsabilidade dos pais pelos filhos menores. Disponível em: <http://www.silviovenosa.com.br/index.cfm?fuseaction=artigos&codNews=25> acesso em: 18 out. 2008.

Assim, os jovens, menores de 18 anos, podem ser punidos pessoalmente por seus atos ilegais no âmbito criminal. Serão os chamados atos infracionais, apenados de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. No caso da criança aplica-se medidas sócio-educativas a serem definidas pelo juiz. Os pais, não ficam isentos da responsabilidade, e, podem sofrer ações de indenização civil, sentindo no bolso as conseqüências dos atos dos filhos.⁵²

Deste modo, demonstra-se a responsabilidade de todos os envolvidos na questão do bullying escolar. Pais, escola, Estado e a própria criança, cada um têm sua parcela de culpa e deve buscar soluções para evitar que esse fenômeno alcance proporções desastrosas.

2.5 A Escola

A escola é responsável pelo que acontece dentro dos estabelecimentos de ensino, seja ele público (Estado) ou particular. O que não exime os pais da sua parcela de responsabilidade. A Doutora em direito civil, Taisa Maria Macena de Lima comunga da idéia que

A simples presença do menor em escola, não tem o condão de esgotar o dever dos pais, pois as instituições não substituem (nem devem substituir) a presença constante e ativa dos pais no desenvolvimento moral e intelectual das crianças e jovens.⁵³

A partir do momento que a escola verifica a ocorrência do bullying, chama os pais e os coloca a par do que está acontecendo, estes deverão tomar alguma atitude em relação ao seu filho (a) (agressor).

O trabalho da escola é conjunto com a família, isso é essencial. Se não há participação em relação à criança, ambos deverão ser responsabilizados. A omissão por qualquer das partes quanto a esse tipo de agressão, violenta e constante, merece a intervenção do estado através do judiciário.

⁵² MENDES, Carolina de Aguiar Teixeira. Responsabilidade dos Pais. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/educacao/educacao-e-novas-tecnologias.htm> acesso em: 18 out. 2008.

⁵³ LIMA, Taisa Maria Macena. NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ESCOLAR DOS FILHOS: o dever dos pais de indenizar o filho prejudicado. Disponível em: http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/ ano2_2/ Palestra-IBDFAM-2003.pdf acesso em: 18 out. 2008.

A psicopedagoga Geane de Jesus Silva também analisa a escola quando diz que não há preparação por parte dos profissionais da educação. Não conseguem perceber um problema com seus alunos, devido, talvez, ao desgaste emocional provocado pela quantidade de trabalho, as condições do mesmo, causando assim, mais estresse em sala de aula, contribuindo com o agravamento da situação. Reagem mal com a indisciplina de alguns alunos, tratando-os agressivamente, usando apelidos ou desprezando.⁵⁴

Marília Pinto de Carvalho, no texto, Violências nas escolas: o "bullying" e a indisciplina, aborda o bullying como indisciplina escolar, sendo a indisciplina definida como atos que vão contra as regras da escola. Ela como professora atesta que a maior preocupação hoje dos educadores são as constantes confusões que são ditas como violência, mas às vezes são simples atitudes de indisciplina. Não se confundem, ou seja, a indisciplina vai contra as regras da escola e atos de violência ferem o Código Penal.⁵⁵

O que se nota é, a pouca conscientização por parte da escola da existência do bullying. Profissionais despreparados que não sabem lidar com o fenômeno, administradores e diretores que negam essa realidade. Após tomarem conhecimento de uma pesquisa sobre bullying nas escolas, que constatava a verdade dos fatos, os mesmos tinham reações diversas. Alguns aceitavam, outros continuavam acreditando que isso faz parte da infância e que as crianças têm que aprender a trabalhar com esses acontecimentos.⁵⁶

A maioria das pessoas acredita que o bullying só ocorre em escolas públicas. Ledo engano! Não é um fenômeno próprio nem de escolas públicas e nem de periferias. Ocorre em escolas particulares, públicas, em pequenas ou grandes cidades, classes baixa, média ou alta.⁵⁷

Foi realizado um estudo na Universidade do Minho em Portugal, para saber qual o local da escola onde há mais incidência do bullying. Ficou comprovado que por lá, os casos se repetem na maioria das vezes no pátio da escola, no horário do recreio, onde não há tanta fiscalização. Contrariando essa pesquisa, em estudos

⁵⁴ SILVA, op. cit., acesso em 18 out. 2008

⁵⁵ CARVALHO, Maria Pinto de. Observatório da Infância. Disponível em: http://www.observatorioda-infancia.com.br/article.php3?id_article=233 acesso em: 25 out 2008

⁵⁶ FANTE, op. cit., p. 51.

⁵⁷ Ibidem, p. 66.

feito pela ABRAPIA e por especialistas brasileiros, a grande incidência de bullying se concentra nas salas de aula, talvez revelando a inabilidade dos professores em lidar com o problema.⁵⁸

Na mesma obra citada, Cléo Fante fala sobre determinantes do comportamento violento nas escolas, *verbis*:

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.⁵⁹

No site, Observatório da Infância, a psicóloga Silvana Martani sintetiza o papel dos pais e da escola em poucas palavras:

Para que esse tipo de conduta seja neutralizada nas escolas deve haver um esforço de pais e orientadores, pois os danos aos alvos são muito severos. Os pais devem avisar professores e orientadores se suspeitarem que seus filhos sejam vítimas do bullying e não devem permitir que a questão seja mal investigada ou sub-valorizada, pois é muito difícil para as escolas admitirem esta situação.⁶⁰

O que ocorre hoje na maioria das escolas, além do desconhecimento, é a indiferença em relação aos casos existentes. Muitas vezes a instituição de ensino não permite um estudo mais aprofundado com seus alunos por medo de ser detectado o bullying e a sua imagem ficar comprometida. O que dificulta muito a erradicação do problema.

2.6 O Estado

O grande avanço da legislação foi no advento da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente, que trouxe no seu bojo todo tratamento específico para a criança e o adolescente. Lei essa que, apesar de abordar todos os aspectos em defesa da criança e do adolescente, a sua aplicação não é fielmente cumprida.

⁵⁸ Ibidem, p. 67.

⁵⁹ FANTE, op. cit., p. 168.

⁶⁰ MARTANI, Silvana. *É Difícil ser Criança*. Observatório da Infância. Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=419 acesso em: 25 out. 2008.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA difere do Código Penal, primeiro porque abarca os inimputáveis (menores de 18 anos), tem caráter protetivo e sócio educativo, já o penal tem natureza punitiva.

À luz do ECA, aos menores de 18 anos são aplicadas as medidas protetivas e as sócio-educativas. Às primeiras submetem-se as crianças e os adolescentes infratores, enquanto às últimas submete-se somente o adolescente infrator. Mesmo não sendo sanções penais, visam a uma orientação ou reprimenda contra o agente infrator, ainda que menor de 18 anos e inimputável em face do Código Penal (ECA, art. 104, "caput").⁶¹

O bullying nas escolas está enquadrado como ato infracional ou ato de indisciplina? Sabe-se que há diferenças, e, que o ato infracional caracteriza um ato ilícito, já a indisciplina apenas contraria o regimento da escola.

Segundo Cléo Fante, o ato infracional é ato ilícito cometido por adolescente, e, sendo ele menor de 12 anos, o ECA aplicará medidas protetivas e medidas sócioeducativas (título III – capítulo IV) em casos mais graves, incluindo também sua família. Já o ato de indisciplina acontece quando o aluno contraria as normas da escola e deve ser resolvido no âmbito escolar.⁶²

Conclusivamente, as sanções previstas pelo ECA tem natureza diversa da penal, porque visam a outras finalidades (diversas da punitiva), sendo aplicáveis aos inimputáveis em razão da idade (crianças e adolescentes) na data do fato. Quando autores de atos infracionais submetem-se, também, aos Princípios do Devido Processo Legal, do Contraditório e da Ampla Defesa, tanto para a aplicação das medidas protetivas (às crianças e adolescentes) quanto das sócioeducativas (aos adolescentes), por força da Constituição Federal (arts. 5º, LIV e LV, e 227) e do ECA (arts. 3º ao 6º).⁶³

O ECA assim se manifesta no seu artigo 103: "considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal". Luiz Antonio Miguel Ferreira diz que "O ato infracional em obediência do princípio da legalidade, somente se

⁶¹ BARROS, Flávio Monteiro de. As sanções do ECA em face do Direito Penal. Disponível em: http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf acesso em: 26 out. 2008

⁶² FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. *Bullying Escolar* – perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 100.

⁶³ PEREIRA, Marcelo Augusto Paiva. *As sanções do ECA em face do Direito Penal*. Curso preparatório FMB. Disponível em: http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf acesso em: 26 out. 2008.

verifica quanto a conduta do infrator se enquadra em algum crime ou contravenção previsto na legislação em vigor”.⁶⁴

Isso demonstra que o ato de indisciplina não pode estar inserido em um ato infracional, pois a indisciplina não atinge a legislação em vigor. E, nesse caso, a escola deve tratar o ato de indisciplina com ações pedagógicas que estão inseridas em seu regimento interno.

Conclui-se que o bullying tanto pode ser um ato de indisciplina como um ato infracional. Vai depender do grau das ações praticadas pelo agressor. Havendo lesão corporal, difamação, calúnia ou injúria, será caracterizado como ato ilícito, logo, ato infracional.

Os arts. 17 e 18 do ECA descrevem de forma clara que é dever de todos zelar pela integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, colocando-os a salvo de qualquer tratamento desumano, seja ele, violento, vexatório ou constrangedor.

O mesmo estatuto assegura em seu capítulo IV (título II), deveres do estado e da escola perante a criança e o adolescente.

É claro que o princípio da autonomia da família não é absoluto; é cabível a atuação do Estado, mas esta atuação deve ser supletiva. Para tanto, o Estado planeja e organiza sistema corretivo- repressivo que só é acionado a fim de atender situações de crise no ambiente familiar. O art. 1635 do Código Civil de 2002, ao enumerar hipóteses da perda do pátrio poder, autoriza a intervenção do Estado na entidade familiar.⁶⁵

O Conselho de Supervisão da Justiça da Infância e da Juventude do Rio Grande do Sul, encaminhará sugestões ao Congresso Nacional de alterações no ECA, alertando para alguns pontos em que o estatuto mostra resultados insatisfatórios do ponto de vista da ressocialização. Dentre elas, a responsabilização dos pais ou representantes legais e a especialização de programas.⁶⁶

⁶⁴ FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. *A Indisciplina Escolar e o Ato Infracional*. Disponível em: http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_infancia_juventude/doutrina/doutrinas_artigos acesso em: 26 out. 2008.

⁶⁵ LIMA, Taisa Maria Macena. NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ESCOLAR DOS FILHOS: o dever dos pais de indenizar o filho prejudicado. Disponível em: http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/ano2_2/Palestra-IBDFAM-2003.pdf Acesso em: 25 out. 2008.

⁶⁶ Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário. “Diga Não ao Bullying”. Disponível em: http://www.diganaoabullying.com.br/secao_noticias/noticias/noticia12_juizes.htm Acesso em: 25 out. 2008.

A legislação está aí para ser cumprida, dependendo apenas de ser acionada. Tanto os pais como a escola devem ir em busca da tutela do Estado, e este deverá atender imediatamente. Não esquecendo que a responsabilidade não é só da escola e sim dos pais também, como preceitua a Carta Magna em seu artigo 227, caput.

2.6.1 Jurisprudência

O tema em discussão já chegou aos tribunais, conforme demonstrado abaixo, e, a escola, foi condenada por sua omissão diante de um caso de agressões. Aconteceu em uma escola particular de Ceilândia-DF.

DIREITO CIVIL. INDENIZAÇÃO. DANOS MORAIS. ABALOS PSICOLÓGICOS DECORRENTES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR. BULLYING. OFENSA AO PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA. SENTENÇA REFORMADA. CONDENAÇÃO DO COLÉGIO. VALOR MÓDICO ATENDENDO-SE ÀS PECULIARIDADES DO CASO.

1. CUIDA-SE DE RECURSO DE APELAÇÃO INTERPOSTO DE SENTENÇA QUE JULGOU IMPROCEDENTE PEDIDO DE INDENIZAÇÃO POR DANOS MORAIS POR ENTENDER QUE NÃO RESTOU CONFIGURADO O NEXO CAUSAL ENTRE A CONDUTA DO COLÉGIO E EVENTUAL DANO MORAL ALEGADO PELO AUTOR. ESTE PRETENDE RECEBER INDENIZAÇÃO SOB O ARGUMENTO DE HAVER ESTUDADO NO ESTABELECIMENTO DE ENSINO EM 2005 E ALI TERIA SIDO ALVO DE VÁRIAS AGRESSÕES FÍSICAS QUE O DEIXARAM COM TRAUMAS QUE REFLETEM EM SUA CONDUTA E NA DIFICULDADE DE APRENDIZADO.

2. NA ESPÉCIE, RESTOU DEMONSTRADO NOS AUTOS QUE O RECORRENTE SOFREU AGRESSÕES FÍSICAS E VERBAIS DE ALGUNS COLEGAS DE TURMA QUE IAM MUITO ALÉM DE PEQUENOS ATRITOS ENTRE CRIANÇAS DAQUELA IDADE, NO INTERIOR DO ESTABELECIMENTO RÉU, DURANTE TODO O ANO LETIVO DE 2005. É CERTO QUE TAIS AGRESSÕES, POR SI SÓ, CONFIGURAM DANO MORAL CUJA RESPONSABILIDADE DE INDENIZAÇÃO SERIA DO COLÉGIO EM RAZÃO DE SUA RESPONSABILIDADE OBJETIVA. COM EFEITO, O COLÉGIO RÉU TOMOU ALGUMAS MEDIDAS NA TENTATIVA DE CONTORNAR A SITUAÇÃO, CONTUDO, TAIS PROVIDÊNCIAS FORAM INÓCUAS PARA SÓLUCIONAR O PROBLEMA, TENDO EM VISTA QUE AS AGRESSÕES SE PERPETUARAM PELO ANO LETIVO. TALVEZ PORQUE O ESTABELECIMENTO DE ENSINO APELADO NÃO ATENTOU PARA O PAPEL DA ESCOLA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL, SOBRETUDO NO CASO DE CRIANÇAS TIDAS COMO "DIFERENTES". NESSE PONTO, VALE REGISTRAR QUE O INGRESSO NO MUNDO ADULTO REQUER A APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOCIALMENTE PRODUZIDOS. A INTERIORIZAÇÃO DE TAIS CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS SE PROCESSA, PRIMEIRO, NO INTERIOR DA FAMÍLIA E DO GRUPO EM QUE ESTE INDIVÍDUO SE INSERE, E, DEPOIS, EM INSTITUIÇÕES COMO A ESCOLA. NO DIZER DE HELDER BARUFFI, "NESTE PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO OU DE INSERÇÃO DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE, A

EDUCAÇÃO TEM PAPEL ESTRATÉGICO, PRINCIPALMENTE NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA.⁶⁷

Nesse caso especificamente, a mãe da vítima chegou por diversas vezes alertar a escola dos maus tratos sofridos por seu filho, sendo em vão. Por omissão, a escola foi condenada a pagar indenização a família da criança.

Agora, quando a ocorrência se tratar da indiferença dos pais, conscientes e alertados do fato, nenhuma atitude tomar, deverão estes serem responsabilizados pelo filho agressor. Acionada a justiça, condenados a indenizar a vítima dos abusos.

⁶⁷ Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. Processo nº 20060310083312APC DF. Relator: Waldir Leôncio Júnior. Publicação no DJU: 25/08/2008 Pág. : 70. Disponível em: ,<http://tjdf19.tjdft.jus.br/cgi-bin/tjcg1?docnum=1&pgatu=1&l=20&id=61302,55679,6313&mgwlpn=servidor1&nxtpgm=jrhtm03&opt=&origem=inter>, acesso em: 25 out. 2008.

3 AS CONSEQUÊNCIAS

Dados que vêm sendo colhidos desde que começaram os estudos sobre esse fenômeno, mostram que a maioria dos envolvidos em bullying sofreu ou ainda sofre com alguma seqüela.

A Europa fez uma pesquisa onde acompanhou jovens entre 12 e 16 anos que foram agressores na escola, e, constatou-se que, 60% destes jovens, aos 24 anos, tinham pelo menos uma acusação criminal.⁶⁸

O especialista Aramis Lopes Neto em seu artigo para o Jornal de Pediatria afirma:

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança freqüentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.⁶⁹

O bullying traz sérios danos às crianças, estimulando a delinqüência e outras formas de violência. Forma cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, podendo causar doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves. Além de interferir no aprendizado, pode transformar o jovem levando-o a cometer suicídio ou praticar atos de extrema violência.⁷⁰

Lélio Braga Calhau, criminologista, durante um seminário na Paraíba sobre bullying, foi enfático ao dizer que quem comete bullying está fadado no futuro a cometer crimes. Segundo ele o que caracteriza um fato criminoso é a vida da pessoa, seu passado, sua infância, a criação que teve.⁷¹

Vários casos de jovens com traumas relativos ao bullying são conhecidos através da imprensa. Garotos que se revoltam por serem durante muito tempo hostilizados e segregados na escola, descarregam sua ira retornando ao ambiente

⁶⁸ FELIZARDO, Mário. Fenômeno Bullying. Iniciativa por um Ambiente escolar Justo e Solidário. "Diga Não ao Bullying" Disponível em: http://www.diganaoaobullying.com.br/secao_dicas/artigos/artigo_4_mario.htm acesso em: 25 out. 2008.

⁶⁹ LOPES NETO, op. cit., acesso em: 25 out. 2008.

⁷⁰ CALHAU, Lélio Braga. Revista Jurídica Consulex, Brasília, ano XII, n. 276, p. 46-47, 25 out. 2008

⁷¹ Idem. Nova Criminologia. Ministério Público do Estado da Paraíba. Disponível em: <http://www.novacriminologia.com.br/artigos/leiamais/default.asp?id=1932> acesso em 25 out. 2008.

escolar e matando colegas, suicidando-se muitas vezes. Veja o caso citado por Cléo Fante em uma palestra realizada pelo Ministério Público Paraibano.

Um dos fatos relatados por ela foi o caso do estudante Edimar de Freitas, de 18 anos, que matou uma pessoa e feriu oito, em uma escola na cidade de Taiuva, em São Paulo. Edimar era uma criança obesa, que foi apelidada de baleia. Como era de cor branca, ficava vermelho quando os colegas o apelidavam, então, recebia um novo apelido: elefante cor de rosa. E pela sua dificuldade de se locomover, recebia o apelido de mongolóide. Por fim, Edimar resolveu fazer um regime e em três meses perdeu 30 quilos. Mas os colegas não se conformaram e o apelidaram de “vinagrão”. Ao terminar o Ensino Médio, o aluno voltou a Escola e praticou a violência.⁷²

Geane de Jesus Silva ratifica em seu artigo para o site Mundo Jovem:

Muitas vezes, mesmo na vida adulta, é centro de gozações entre colegas de trabalho ou familiares. Apresenta um autoconceito de menos-valia e considera-se inútil, descartável. Pode desencadear um quadro de neuroses, como a fobia social e, em casos mais graves, psicoses que, a depender da intensidade dos maus-tratos sofridos, tendem à depressão, ao suicídio e ao homicídio seguido ou não de suicídio.⁷³

As conseqüências do bullying comprometem sobremaneira a vida do indivíduo, prejudica o convívio social e de aprendizagem, a saúde física e emocional, principalmente das vítimas, que se sentem excluídas, sozinhas e abatidas, comprometendo o processo de formação de sua identidade, baixando sua auto-estima, causando medo de voltar a escola, sentindo-se inseguras e desprotegidas.⁷⁴

⁷² FANTE, op. cit., acesso em: 25 out. 2008.

⁷³ SILVA, op. cit., acesso em: 25 out. 2008.

⁷⁴ FANTE, op. cit., acesso em: 25 out. 2008.

4 MEDIDAS PREVENTIVAS

Primeiramente, para que se pense em meios para prevenir o aparecimento de bullying nas escolas, os educadores têm que reconhecer a sua existência. Apesar de muitos estabelecimentos de ensino negarem que lá existe o fenômeno, não há como esconder um fato que é inerente ao meio. Através do conhecimento e da consciência desses profissionais que se dará início a um plano de combate realmente eficaz.⁷⁵

Mister se faz a capacitação dos profissionais na identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamentos corretos. Além disso, procurar ajuda de psicólogos e assistentes sociais e fazer parcerias com órgãos especializados, ligados a criança e o adolescente, como delegacias, promotorias e conselhos tutelares é imprescindível.⁷⁶

Há várias maneiras de se prevenir o aparecimento de bullying nas escolas. Hoje em dia já se constata os esforços em prol das crianças, com programas próprios para esse fim, visando à conscientização e a motivação no ambiente escolar.

Não existem soluções simples para se combater o BULLYING. Trata-se de um problema complexo e de causas múltiplas. Portanto, cada escola deve desenvolver sua própria estratégia para reduzi-lo. A escola deve agir precocemente contra o BULLYING. Quanto mais cedo o BULLYING cessar, melhor será o resultado para todos os alunos. Intervir imediatamente, tão logo seja identificada a existência de BULLYING na escola e manter atenção permanente sobre isso é a estratégia ideal. A única maneira de se combater o BULLYING é através da cooperação de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais.⁷⁷

A educadora Cléo Fante foi pioneira em nosso país com a criação do Programa Anti-Bullying – Educar para a Paz. A Escola Municipal Luiz Jacob em São José do Rio Preto foi quem deu início ao programa em 2002. Ela explana sobre os objetivos deste:

Sua meta principal é erradicar esse nocivo fenômeno social, que vem causando irreparáveis prejuízos a um número expressivo e cada vez maior

⁷⁵ FANTE, op. cit., p. 106.

⁷⁶ Ibidem

⁷⁷ Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Observatório da Infância. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf> Acesso em: 01 nov. 2008

de alunos e disseminar a cultura de paz em nossas escolas. Promover a inclusão e a integração dos alunos às dimensões da paz pessoal, da paz com o outro e com o meio ambiente, orientados pelo princípio da cooperação, da solidariedade, da tolerância e do respeito às diferenças.⁷⁸

Esse programa também foi implantado em uma escola de Brasília. Foram desenvolvidas estratégias e atividades com o intuito de prevenir ações de bullying.

Estratégias desenvolvidas: Pesquisa para verificação do envolvimento Bullying entre os alunos; Palestras de sensibilização direcionada à comunidade escolar; Curso de capacitação: identificação, diagnóstico e encaminhamento de casos; Palestra sobre a Saúde Emocional e o Gerenciamento do Estresse, direcionadas aos professores.

ATIVIDADES NO COLÉGIO DROMOS A Paz Interior – Autoconhecimento
Dentre as atividades do Programa Antibullying "Educar para a Paz", estão sendo desenvolvidas ações que visam despertar a paz interior. Exercícios de respiração, alongamento, interiorização e automassagem são algumas das ações que estimulam o encontro consigo mesmo: o autoconhecimento.⁷⁹

Quando constatado pela escola atos de bullying, os pais devem ser avisados e orientados a participarem conjuntamente de soluções que visem interromper as brigas. Ressaltando que, os pais não devem agir violentamente com as crianças e sim com controle e calma, mostrando limites e buscando saídas.⁸⁰

Dentre os vários programas visando precaver o bullying escolar, temos algumas propostas voltadas para cultura e paz. Entre elas, "Valores que não têm preço" (Associação Palas Athena - www.palasathena.org.br) que já formou 10.000 educadores em Valores Universais, Ética e Cidadania. "Semana Gandhi", que desenvolve, desde 1982, atividades de reflexão e programas de ação comunitária sobre pedagogia, fundamentos e métodos da Não-Violência; "Programas preventivos nas áreas de educação infantil, saúde, assistência social e arte da Associação Comunitária Monte Azul (www.monteazul.org.br); "Iniciativas do COPIPAZ (Comitê Primeira Infância na construção de uma cultura de paz - www.copipaz.org.br) - Carta Compromisso; Simpósios nas áreas de saúde e

⁷⁸ CEMEOBES – *Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar*. Disponível em: http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com_content&task=view&id=115&Itemid=48 acesso em: 1 nov. 2008.

⁷⁹ Ibidem

⁸⁰ NOGUEIRA, op. cit., acesso em: 1 nov. 2008

educação; Publicações; Programa de Desarmamento Infantil; Programa de arte "As cores da paz das crianças do Brasil".⁸¹

Em vários países onde há grande incidência de bullying nas escolas, tem-se procurado minimizar esse problema com diferentes abordagens, visando a segurança das crianças. No Reino Unido o programa objetiva estimular as crianças vítimas a escrever seus sentimentos e depois ler em voz alta para um pequeno grupo de amigos, mostrando quão prejudicial é, fazendo com que seus colegas tragam sugestões para melhorar a situação. Já nos Estados Unidos, o programa tem a finalidade de atingir o bullying através do treinamento dos alunos, professores e funcionários, para que não tolerem qualquer tipo de agressão e denunciem.⁸²

⁸¹ FRIEDMANN, op. cit., acesso em: 1 nov. 2008.

⁸² MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. *Bullying-Estratégias de Sobrevivência para Crianças e Adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 89 e 90.

CONCLUSÃO

Ao encerrar este trabalho podemos entender um pouco mais sobre esse fenômeno chamado bullying, atingindo assim o objetivo pretendido. Ele sempre existiu, porém há pouco mais de 10 anos começou a ser pesquisado, tornando-se uma grande preocupação para seus estudiosos.

Concluimos então, que o bullying escolar existe, é uma realidade pouco conhecida, acontece em qualquer escola, seja ela pública ou particular, e necessita de maior atenção por parte dos educadores e dos pais.

Os principais envolvidos são crianças em fase de crescimento e aprendizado que necessitam de olhares atentos, de profissionais especializados, para evitar qualquer tipo de ameaça ao seu desenvolvimento e formação. Agressor, vítima ou testemunha, independente do lugar em que se encontram na formação do bullying sofrerão com as conseqüências dessa violência. Enquanto alguns conseguem se livrar do passado atormentador, outros podem carregar para a vida adulta resquícios do que participaram da adolescência.

A solução está na escola que com certeza é quem deve ter um papel mais eficiente, primeiramente conscientizando-se que o problema existe e depois fiscalizando, controlando, participando os pais dos fatos ocorridos no seu interior e principalmente preparando seus profissionais para enfrentar esse tipo de agressão. Os programas para redução do bullying escolar têm sido muito eficientes nos locais que são desenvolvidos e precisam ser mais utilizados pelas instituições de ensino.

A família é o ponto de partida para a análise do comportamento infantil. Através de um estudo da conduta de um agressor chega-se pontualmente ao ambiente em que vive e é a partir daí que se identificam os problemas que um jovem leva para escola. Suas ações e reações espelham o que ele presencia em casa. Por esse motivo é que os pais ou responsáveis devem participar da vida escolar do filho e no caso de omissão, serem responsabilizados solidariamente com a escola.

O estado através dos seus governantes tem a obrigação de olhar mais para a educação, dando o incentivo necessário para as instituições de ensino, que visam à formação do jovem. O Programa Educar para Paz elaborado por Cléo Fante é um

exemplo de sucesso e deveria ser implantado em todas as escolas como forma de prevenir as manifestações do bullying escolar.

Sendo uma forma de violência, o bullying escolar deve ser combatido, evitado a todo custo, ser uma preocupação constante de todos, pois os envolvidos são jovens que precisam de atenção e afeto, de um tratamento diferenciado, pois eles estão em desenvolvimento e têm grandes expectativas para o futuro.

Precisamos reconhecer que o bullying escolar não é uma brincadeira de criança e é prejudicial para todos. Assumir nossa responsabilidade social e humana, afastando esse tipo de violência dos nossos jovens, é uma finalidade a ser atingida.

Com a finalização deste trabalho, esperamos que ele venha contribuir para o conhecimento e a preocupação da sociedade em relação aos jovens envolvidos no bullying escolar. Através da informação e da busca de soluções apresentadas, acreditamos que esse fenômeno será significativamente enfraquecido nas nossas escolas.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm> Acesso em: 09 set. 2008.

BARROS, Flávio Monteiro de. **As sanções do ECA em face do Direito Penal**. Disponível em: http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf Acesso em: 26 out. 2008

BULLYING, um crime nas escolas. **ISTO É Independente**. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2026/artigo100431-4.htm> Acesso em: 18 out.2008

CALHAU, Lélío Braga. **Revista Jurídica Consulex**, Brasília, ano XII, n. 276, p. 46-47, 15 jul. 2008

CARVALHO, Maria Pinto de. **Observatório da Infância**. Disponível em: http://www.observatorioda infancia.com.br/article.php3?id_article=233 Acesso em: 25 out 2008.

CEMEOBES – **Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar**. Disponível em: http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com_content&=view&id=99&Itemid=36 , acesso em: 16 set. 2008.

DANTAS, Tiago. **Equipe Brasil Escola**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm> acesso em: 15 set. 2008.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed., Campinas: Verus, 2005, p. 20 e 21.

FELIZARDO, Mário. **Fenômeno Bullying**. Iniciativa por um Ambiente escolar Justo e Solidário. “Diga Não ao Bullying” Disponível em: http://www.diganaoaobullying.com.br/secao_dicas/artigos/artigo_4_mario.htm Acesso em: 25 out. 2008.

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. **A Indisciplina Escolar e o Ato Infracional**. Disponível em: http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_infancia_juventude/doutrina/doutrinas_artigos Acesso em: 26 out. 2008.

FRIEDMANN, Adriana. **Violência e Cultura de Paz na Educação Infantil**. NEPSID. Disponível em: http://www.nepsid.com.br/artigos/violencia_e_cultura_de_paz.htm Acesso em: 09 set. 2008.

Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário. “**Diga Não ao Bullying**”. Disponível em: <http://www.diganaoaobullying.com.br/>, acesso em: 24 set. 2008.

LIMA, Taisa Maria Macena. **Na Educação e Formação Escolar dos Filhos**: o dever dos pais de indenizar o filho prejudicado. Disponível em: http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/ano2_2/Palestra-IBDFAM-2003.pdf Acesso em: 25 out. 2008.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 24 set. 2008

MAKARON, Sônia. **Bullying: Como enfrentá-lo?** Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf acesso em: 16 set. 2008

MARTANI, Silvana. **É Difícil ser Criança.** Observatório da Infância. Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=419 Acesso em: 25 out. 2008.

MENDES, Carolina de Aguiar Teixeira. **Responsabilidade dos Pais.** Disponível em: <http://www.brasile scola.com/educacao/educacao-e-novas-tecnologias.htm> Acesso em: 18 out. 2008.

Michaelis Moderno Dicionário Inglês. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php>. Acesso em: 09 set. 2008.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying-Estratégias de Sobrevivência para Crianças e Adultos.** Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 21

NOGUEIRA, Rosana Maria C. P. A. **A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas.** Revista Iberoamericana de Educación. Disponível em: http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco_de_imagens/rie37a04.pdf Acesso em: 09 set. 2008.

PEREIRA, Marcelo Augusto Paiva. **As sanções do ECA em face do Direito Penal.** Curso preparatório FMB. Disponível em: http://www.cursosfmb.com.br/cursosfmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf Acesso em: 26 out. 2008.

SILVA, Geane de Jesus. **Bullying: Quando a Escola não é um Paraíso.** Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php> acesso em 24 set. 2008.

Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. Processo nº 20060310083312APC DF. Relator: Waldir Leôncio Júnior. Publicação no DJU: 25/08/2008 pág.: 70. Disponível em: <http://tjdf19.tjdft.jus.br/cgi-bin/tjcg1?Docnum=1&pgatu=1&l=20&id=61302,55679,6313&mgwlpn=servidor1&nxtpgm=jrhtm03&opt=&origem=inter>, acesso em: 25 out. 2008.

TRINDADE, Alcione Melo. **Aspectos Psicossociais da Intimidação/Bullying.** Nova Criminologia.com.br Disponível em: <http://www.novacriminologia.com.br/artigos/leiamais/default.asp?id=1977> Acesso em: 14 out. 2008.

VENOSA, Silvio. **Responsabilidade dos pais pelos filhos menores.** Disponível em: <http://www.silviovenosa.com.br/index.cfm?fuseaction=artigos&codNews=25> Acesso em: 18 out. 2008.